**John Keats - Ode sobre a Melancolia**

*Para um tema congênere ao pessimismo da postagem anterior, transcrevemos, por ora, um belo poema do romântico inglês John Keats: será ou não a melancolia prima-irmã de toda a tristeza que perpassa o espírito humano?*

*O poema flui sob a forma de orientações a quem está exposto à melancolia: o paciente não há de banhar-se nas águas do Letes – rio que, na mitologia grega, simboliza o esquecimento –, não deve atentar contra a própria vida, tampouco expor-se a pensamentos por onde circulem imagens soturnas como as do escaravelho, da coruja e da falena, outras tantas metáforas do sofrimento e da morte.*

*O remédio para a melancolia? Contra a opressão da dor, Keats propõe o prazer da beleza, esse efêmero prazer cujo templo tem o seu altar ambientado na melancolia, “só visível a quem sorver a uva da alegria e, desse modo, em contato com o travo da tristeza, pousar mais um troféu entre as névoas da dor”.*

*Quer mais da imaginação romântica, leitor? Keats está no cimo dessa montanha!*

*J.A.R. – H.C.*

[](https://2.bp.blogspot.com/-vnNvEzIS1A0/VPOEL84sk-I/AAAAAAAADWc/04RIFSuVK6s/s1600/John%2BKeats%2BII.jpg)

**John Keats**

(1795-1821)

**Ode on Melancholy**

I

No, no, go not to Lethe, neither twist

      Wolf’s-bane, tight-rooted, for its poisonous wine;

Nor suffer thy pale forehead to be kiss’d

      By nightshade, ruby grape of Proserpine;

Make not your rosary of yew-berries,

      Nor let the beetle, nor the death-moth be

           Your mournful Psyche, nor the downy owl

A partner in your sorrow’s mysteries;

      For shade to shade will come too drowsily,

           And drown the wakeful anguish of the soul.

II

But when the melancholy fit shall fall

      Sudden from heaven like a weeping cloud,

That fosters the droop-headed flowers all,

      And hides the green hill in an April shroud;

Then glut thy sorrow on a morning rose,

      Or on the rainbow of the salt sand-wave,

           Or on the wealth of globed peonies;

Or if thy mistress some rich anger shows,

      Emprison her soft hand, and let her rave,

           And feed deep, deep upon her peerless eyes.

III

She dwells with Beauty − Beauty that must die;

      And joy, whose hand is ever at his lips

Bidding adieu; and aching Pleasure nigh,

      Turning to poison while the bee-mouth sips:

Ay, in the very temple of Delight

      Veil’d Melancholy has her sovran shrine,

           Though seen of none save him whose strenuous tongue

Can burst Joy’s grape against his palate fine;

      His soul shall taste the sadness of her might,

           And be among her cloudy trophies hung.

[](https://1.bp.blogspot.com/-xHWkE-MrEOI/VPOEDQzHrNI/AAAAAAAADWU/p4AoMd2yDLw/s1600/Melancholy.jpg)

**Melancolia**

(Louis-Jean-François Lagrenée: 1724-1805)

Pintor Francês

**Ode sobre a Melancolia**

I

Não! Não vás para o Letes, nem tristes raízes

      Tortures para obter o vinho que te acena;

Nem no pálido rosto os beijos cicatrizes

      Da beladona, que Prosérpina envenena.

Não faças teu rosário com amoras parcas,

      Nem permitas que o escaravelho ou a falena

               Sejam tua Psique, nem que o mocho do abandono

Partilhe dos mistérios do teu ser que pena,

      Pois logo vem, de sombra em sombra, o lento sono

       Para apagar da alma insana as negras marcas.

II

Mas se acaso o veneno da melancolia

      Cair do céu, chuva de nuvens, que se espalha

Nas flores e as reflora ao som da chuva fria,

      E apaga os verdes montes no abril da mortalha,

Purga, então, o amargor numa rosa da aurora

      Ou no arco-íris entre o mar e o sal e a areia.

           Ou numa imperial peônia globular;

Ou se em tua amante algum ressentimento aflora,

      Toma-lhe as mãos e ouve o que a incendeia

             E, olhos nos olhos, colhe o seu mais belo olhar.

III

A Beleza é seu lar; Beleza que se esvai;

      A Alegria, com mãos e lábios sempre em fuga

Dizendo adeus; e o Amor que atrai e logo trai

      E é já só fel em vez do mel que a abelha suga:

Sim, pois esse amorável Templo do prazer

      Tem na Melancolia o seu nublado altar,

           Só visível a quem com a língua sorver

A uva da Alegria, lânguida, no céu

      Da boca; o travo da tristeza o irá encontrar

           E entre as névoas da dor pousar mais um troféu.

**Referência:**

KEATS, John. Ode on melancholy / Ode sobre a melancolia. In: CAMPOS, Augusto (sel. e trad.). **Byron e Keats: entreversos**. Edição bilíngue. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009. p. 154 e 156 (original em inglês); p. 155 e 157 (tradução em português).

<https://blogdocastorp.blogspot.com/2015/03/john-keats-ode-sobre-melancolia.html>